

MULHERES E TRABALHO: reflexão a partir dos *Almanachs* de Pelotas (1913-1935) e de seus reclames

Paula Garcia Lima (◊)
Francisca Ferreira Michelin (◊)

Resumo

Este artigo entende gênero como uma categoria que se constrói no processo, logo, a compreensão do passado constitui um requisito importante para reflexões no presente. Com esta finalidade são trazidos como objetos de análise os *Almanachs* de Pelotas (1913 a 1935) e seus reclames, tanto através do seu conteúdo verbal quanto visual, colocando como base para a discussão proposta as relações das mulheres com o trabalho a partir do que era veiculado pela referida publicação.

Palavras-chave: *Almanachs* de Pelotas. Reclames. Mulheres. Trabalho.

Abstract

This paper considers gender as a category that is built in the process, thus the understanding of the past is an important condition for reflections in the present. With this purpose are brought as objects of analysis the *Almanachs* de Pelotas (1913-1935) and his ads, both through their verbal and visual content, posing as basis for proposed discussion the relations of women with work from what was served by that publication.

Keywords: *Almanachs* de Pelotas. Ads. Women. Work.

Introdução

A relação das mulheres com o mundo do trabalho, ainda, apesar do tema já ter sido muito tratado, oferece reflexão sobre grandes obstáculos a serem superados. É possível que, no mundo ocidental, as mulheres tenham espaço no mercado de trabalho e, inclusive, podem desempenhar algumas das atividades antes consideradas exclusivamente masculinas. No entanto, todas as mudanças ocorridas nestes aspectos, são uma pequena proporção do todo. Encontram-se mulheres executando funções na construção civil, como delegadas, motoristas de ônibus, entre outras tantas atividades, em diversos países, sem que isto traduza igualdade de cargos e

(◊) Professora assistente da Universidade Federal de Pelotas (UFPE) do Centro de Artes. E-mail: paulaglima@gmail.com.

(◊) Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do sul (1993) e doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001). Professora da Universidade Federal de Pelotas.

salários. Também existem inúmeras mulheres que permanecem se dedicando unicamente às atividades do lar, atividades estas que conservam o ideário, por grande parte das pessoas, de serem obrigações femininas. Alinhar a origem desta normalização do que deve ser feito por homens e do que deve ser feito por mulheres é o objeto do texto proposto.

Alinhar, neste caso, é compreender a origem, conseguir vislumbrar os elementos presentes no processo e na trajetória, buscar esclarecer os contornos opacos dos limites entre o que era uma normativa e um hábito. Neste sentido, a reflexão contida aqui, remonta a uma análise de objetos do passado, promulgadores de discursos em torno da construção/manutenção dos gêneros, nos quais se incluem as questões relativas ao trabalho. Os referidos objetos são os *Almanachs* de Pelotas (seu conteúdo, com ênfase nos seus reclames), veiculados na cidade de Pelotas, localizada ao sul do estado do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1913 e 1935. Estes objetos de estudo (os periódicos de maneira geral e os reclames de maneira específica) são o mote de pesquisas que vem sendo realizadas pelas autoras¹. Em ambos os casos, interessa verificar, nos elementos constitutivos do design das peças (informações verbais e visuais), o que eles trazem do seu contexto de veiculação e circulação, sendo as questões de gênero o foco dos esforços atuais.

Não se exime desta tentativa de enxergar o passado, o desejo de, também, entender um pouco do que acontece no presente, no qual se supõe manifesto o fruto da experiência, do repertório de uma sociedade que se construiu progressivamente e que, ao mesmo tempo, não se encontra tão distante. No período ao qual este texto remonta, o discurso destinava às mulheres o espaço privado, localizando-as entre as paredes do lar no desempenho das atividades domésticas. As mulheres sempre trabalharam, no entanto, o trabalho doméstico não era (e ainda não é) valorizado e nem remunerado. Este, inclusive, foi ponto de reivindicações das feministas marxistas, que lutaram pela inclusão das atividades das mulheres na categoria trabalho (HARAWAY, 2009, p.53). Sofridamente, esta reivindicação recai, com frequência, nos binarismos e arbitrariedades que configuram a categoria de gênero, pois ao mencionar “atividades das mulheres” se esta a reforçar as diferenças de gênero.

A escolha por se buscar num tempo pretérito (início do século XX) questões relativas ao gênero justifica-se pela convicção de que os seus resquícios, presentes ainda hoje “conformam” as mulheres. Desta maneira, se afirma o gênero como uma categoria historicamente construída, em concordância com o postulado por Scott (1995, p.84-85), de que a edificação desta categoria se deu no processo, devendo-se buscar refletir como as mudanças ocorreram e/ou ocorrem. Também acerca do entendimento que se tem acerca de gênero e finalizando esta introdução, reitera-se com o enunciado de Natalie Davis, para quem esta categoria deve ter como objetivo maior:

(...) compreender a importância dos sexos, isto é, dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir o leque de papéis e de simbolismos sexuais nas diferentes sociedades e períodos, é encontrar qual era o seu sentido e como eles funcionavam para manter a ordem social ou para mudá-la. (DAVIS, apud SCOTT, 1995, p.72)

Os Almanachs de Pelotas e os seus reclames

O *Almanach* de Pelotas foi fundado por Dr. Antonio Gomes da Silva, Ignácio Alves Ferreira e Capitão Florentino Paradede e, como as demais publicações desta tipologia, foi editado anualmente em Pelotas entre os anos de 1913 e 1935, completando um total de 23 edições. Todos os *Almanachs* foram confeccionados a partir da técnica tipográfica com a presença de clichês fotográficos. Nas publicações de 1913 a 1920 as impressões foram realizadas pelas *Officinas Typográficas* do Diário Popular (oficina de jornal da cidade em circulação até os dias de hoje); de 1921 a 1928 as edições foram impressas na Tipografia Guarany; e de 1929 a 1935 as impressões se deram nas Oficinas tipográficas da Livraria do Globo (GASTAUD e SILVA, 2010, p. 12). O suporte para a impressão era papel jornal e as dimensões são de 29 x 21 cm, no formato aberto.

Com vistas a reforçar a legitimidade da investigação debruçada nestes veículos, ressalta-se que os almanaques – enquanto uma tipologia de publicação específica – eram publicações bastante tradicionais e de grande apreço dentro das sociedades, levando a ideia de que se tratavam de periódicos que eram, de fato, lidos e com grande pregnância no cotidiano dos cidadãos. Sendo assim, parte-se da hipótese de que eles tinham enorme influência junto aos leitores, refletindo e reiterando a

promoção de discursos, incluindo os de gênero (e em específico relativos às questões de trabalho), temas que aqui se propõe estabelecer debate.

A sinérgica relação que se compreende existir entre o público e estes artigos de leitura pode ser melhor compreendida a partir do seguinte trecho retirado do Almanaque Enciclopédico para 1896, escrito por Eça de Queirós:

Mas não é certamente por esta ciência fácil que o almanaque me encanta: – e se ainda o desejo louvar, é pelo incomparável benefício de nos tornar o tempo visível e como palpável. Consideremos que um dia esquecido, não registrado no almanaque, seria absolutamente, como um negro pedaço de não – ser por onde um pedaço de nossa vida se afundaria, se iria em nada. Só o almanaque verdadeiramente nos penetra da realidade de nossa existência, porque a circunscribe, a divide em talhões regulares, curtos, compreensíveis, fáceis de desejar e depois fáceis de recordar por terem nome e quase terem forma, e onde se vão depondo, e onde vão ficando, os factos da nossa feliz ou desgraçada história. As datas, e só elas, dão verdadeira consistência à vida e à sorte. (Eça de Queirós, citado por Vera Casanova, p. 57, APUD MEYER, 2001, p.140)

O tipo de almanaque ao qual Eça de Queirós se refere é o mesmo tipo que se proliferou ao logo dos séculos XIX e XX, onde se incluem os *Almanachs* de Pelotas, mas, no entanto a origem desta tipologia de publicação é remota (confunde-se, inclusive, com as origens dos calendários) se consideradas as suas versões manuscritas; já na versão impressa e em escalas maiores, estes coincidem com a invenção da imprensa e dos tipos móveis por Gutenberg no século XV. (ANASTÁCIO, 2014, p.7-8) (DUTRA, 2005, p.16)

Tratavam-se, então, de publicações com edições anuais, mas cujo um dos principais auspícios era ser um artigo permanente. Sobre isto, Anastácio (2014, p.8) diz que estas publicações não deveriam ser consideradas nem periódicas e nem anuais, pois tinham por objetivo a perenidade, tendo em vista o fato de veicularem tabelas que permitiam calcular o tempo e posição dos astros e marés em qualquer época futura. Inclusive, ao longo do século XVI, foram chamados de *Reportórios dos tempos*, dadas as suas pretensões. Tal ambição, por si, converge para o já mencionado, no sentido de se tratarem de publicações de grande apego junto aos seus leitores, considerados como espécies de agendas, como artigos para consulta ao longo do ano corrente e, também, para anos vindouros.

Os almanaques eram publicações de conteúdo bastante diversificado, contendo desde informações de utilidade pública quanto de entretenimento. No

século XIX os almanaques converteram-se em espécies de enciclopédias, veiculando informações e valores da modernidade, influenciando significativamente na construção da moral e do comportamento das pessoas (DUTRA, 2005, p.18-19). Tal consideração leva a reiteração do papel preponderante do objeto aqui estudado em torno dos discursos de gênero.

Também a semelhança dos demais almanaques, a versão pelotense tinha grande apelo popular e também era composto por conteúdo diversificado, nos quais eram encontradas desde informações relacionadas à vida prática até aquelas mais ligadas à cultura, ao lazer e ao entretenimento. Taxas de correios e telégrafos, datas para pagamentos de impostos, horários de trem, informações meteorológicas, receitas, charadas, piadas, contos, textos ligados a fatos históricos e da atualidade e etc., são exemplos do que o leitor encontrava ao folhear os *Almanachs* de Pelotas. No entanto, este periódico, segundo as palavras dos seus editores em diversos prefácios, tinha como principal meta divulgar o desenvolvimento da cidade e cultuar o trabalho, as ações e as virtudes dos cidadãos daquele cenário.

A referida publicação era segmentada a partir de seções como: *Informações*, destinada às questões úteis e da vida prática dos cidadãos, contendo itens como o Indicador (lista de principais atividades profissionais e econômicas da cidade, como autoridades, advogados, bancos, cartórios, médicos e etc., ordenados em ordem alfabética), as taxas de correios e taxas de telégrafos; *Variedades*, com textos literários, poesias e curiosidades e *Propaganda*, a qual contemplava os avanços sobre a cidade e os reclames publicitários. Cabe destacar que embora houvesse um espaço específico para publicidade, os reclames proliferavam-se ao longo de todas as seções.

Estes reclames, tendo em vista o financiamento dos *Almanachs*, ocupavam um grande número de páginas. A questão da sobrevivência e do financiamento do periódico aparece expressa em vários dos seus editoriais, através dos quais se lê repetidamente que os editores não visavam lucro com as publicações, que os insumos necessários para a sua produção estavam encarecendo e, em consequência destes dois fatores anteriores, a árdua labuta para manutenção da circulação do *Almanach*. A partir disso, crê-se que os anúncios devem ter constituído as bases financeiras que permitiram a sobrevivência do periódico. Nas 23 edições publicadas dos *Almanachs* de Pelotas foi contabilizado um total de 4221 reclames, conferindo uma média de 183 anúncios por edição, quantia considerada bastante avultada.

Como já mencionado, entende-se estes veículos como fontes profícuas para a análise dos modos de vida dos cidadãos que compunham aquela sociedade. O mesmo se pensa tomando-se os reclames em separado. Saber o que era propagandeado, para quem e de que forma a comunicação era estabelecida através das representações gráficas destes anúncios também muito pode dizer sobre um dado contexto. Publicizar algo é querer persuadir e, para persuadir, é necessário que o emissor atinja o receptor, logo, deve haver empatia. E é neste sentido que se entende que ao analisar-se algo que era direcionado para alguém, se está, inevitavelmente, a analisar este alguém. Nesta direção, Douglas Kellner (1995, p. 112), considera que a propaganda é um texto cultural multidimensional, onde decodificações e interpretações cuidadosas desvendam muito sobre uma dada sociedade e as pessoas que a constituem.

A partir das análises destes objetos, pode-se depreender os modos de viver e, o que em específico interessa, notar o quanto em inúmeras situações desse viver, as questões de gênero estão presentes. Sobre isto, Funck (2007, p.190) reflete que as propagandas (reclames ou anúncios, como denomina-se neste texto), são capazes de esclarecer as relações entre os atores (homens, mulheres), de um dado contexto, pois “propagandas em geral são um excelente campo para se entender a construção discursiva de gênero (...)”. Além disso, a autora comenta que é comum ver publicitários dizerem que a propaganda é uma representação do mundo, no entanto, ela pondera que esta representação é, justamente, uma forma de construção. Mesmo se estando trabalhando com objetos de um tempo passado, pensa-se que sim, que representações e construções estavam presentes já naqueles reclames. Deste modo, se compreende os reclames como espelhos e também (talvez principalmente) como edificadores da situação cultural na qual estavam engendrados.

Os discursos sobre trabalho

Os discursos em torno da construção e/ou manutenção da categoria de gênero são uma evidência ao longo das páginas de todas as edições dos *Almanachs* de Pelotas, seja através de textos, que estipulam normas de conduta, seja através dos reclames (tanto por meio do conteúdo verbal e visual, quanto por meio do tipo de produto que era oferecido para as mulheres ou para os homens). Já na sua primeira

edição, em seu primeiro texto, aparece um discurso bastante interessante para a discussão aqui proposta:

O certo é que, debaixo de aspectos diversos, o almanach implantou-se nos costumes, faz hoje parte de todas as bibliothecas e raro é aquelle que o não leia ou por curiosidade ou desfastio.(...)

(...)É elle, leitor amigo, quem te indica o santo do dia, se ainda conservas intactas as tuas velhas crenças cathólicas, é elle quem te annuncia as phases da lua e as revoluções do tempo, indo até o excesso de amabilidade de dizer-te quando deves plantar os feijões e podar as vinhas; é elle ainda quem te lembra o cumprimento dos teus deveres de cidadão e dos teus encargos de contribuinte, e, para amenisar-te os ócios de **chefe de familia e de homem de trabalho**, entremeia tudo isso de pilherias e facecias, de receitas culinarias e de charadas e logogriphos, de maximas e reflexões moraes – sempre proveitosas – de anedotas e dictos celebres. (Paradedda, Florentino. Prefácio Almanach de Pelotas, 1913, p. 3, grifo nosso)

Neste trecho extraído do prefácio fica evidente o que já foi comentado acerca dos auspícios deste tipo de periódico, onde os editores elencam o tipo de conteúdo e a pregnância deste tipo de artigo de leitura na sociedade. No entanto, o que neste momento se quer enfatizar é o fato de o texto deixar explícito o seu direcionamento para o público masculino – conforme grifado – invisibilizando as mulheres. Os editores eram todos homens que, então, escreviam para outros homens? Mas como então, explicar a existência de textos voltados para as mulheres?

A literatura confirma que no século XIX, ainda vetava-se o ensinamento da leitura para as mulheres, pois se desejava que elas se mantivessem incultas e, em consequência, inofensivas (DEL PRIORE, 2013, p.18-19, 66). Já no século XX, nas cidades, o acesso das mulheres à informação, ao lazer e ao consumo alargou-se, gerando o temor masculino à possibilidade de emancipação delas (Ibidem, p.65). Assim, a partir destes dados, e das questões colocadas no parágrafo acima, pode-se supor que os editores, embora se voltassem para os homens, sabiam que as mulheres liam e, logo, faziam uso da publicação como uma ferramenta pedagógica para incitar comportamentos, ações e hábitos femininos, de forma a manter bem delimitado o que seria o papel da mulher e o que seria o papel do homem. Uma maneira, possivelmente, de promulgar a manutenção desses papéis face uma proeminente emancipação feminina. Acerca desta hipótese atribuída aos objetos que se está a estudar, Pedro (2009, p.30) em suas investigações, conclui que estes discursos sobre as mulheres, em publicações voltadas aos leitores masculinos, tinham a função de

chamar a atenção para a indispensável manutenção das mulheres nos seus “lugares”, garantido, por sua vez, o espaço “conquistado” pelos homens, sem ameaçá-los.

Ainda referente a este trecho do prefácio, fundamental comentar sobre o que se encontra grifado: “chefe de família e de homem de trabalho”. Ora, nada mais explícito do que isto, do que se referir ao homem como aquele que está no comando da família, ao qual, em consequência, se deveria obediência, talvez, inclusive, por ser aquele que sai para o trabalho remunerado, colocando a mulher em uma situação de dependência financeira. Além disso, está vinculada ao homem a necessidade do ócio, já que a ele eram dados tantos encargos, confirmando a ideia do trabalho da mulher, no lar, como uma obrigação e um trabalho “menor”, para o qual era dispensável o descanso.

Em outro texto, referente à edição do *Almanach* de Pelotas de 1923, intitulado “Os dez mandamentos da mulher casada”, há inúmeros ditames para as conformações/manutenções dos papéis de gênero, conforme segue:

1. Evita a primeira discussão,mas, uma vez iniciada, não desanimes, e fala de maneira que teu marido fique vencido e que assim o sinta.
2. Não te esqueças que casaste com um homem, não com um Deus. Não estranhes, pois, os seus defeitos e as suas imperfeições.
3. Não o aborreças pedindo-lhe dinheiro. Procura não exceder a quota mensal que foi fixada.
4. É possível que teu marido não tenha coração. Mas em todo caso não terá falta de estomago, mais ou menos são. Farás bem em conserva-lo com boa alimentação.
5. Não pronuncies, nas discussões sempre a ultima palavra. Isso o lisongeará e a ti não prejudicará.
6. Lê nos jornaes mais alguma coisa do que os annuncios matrimoniaes e mortuários, para falares com elle coisas que o possam interessar.
7. Sê sempre delicada com elle; lembra-te de que quando elle era teu noivo, o consideravas como um ser superior; não o desprezes agora.
8. Deixa-o acreditar muitas vezes que é mais intelligente que tu, isso o lisongeará.
9. Se é intelligente, sê para elle uma amiga; se é tolo procura eleva-lo junto a ti.
10. Respeita os seus Paes, principalmente sua mãe, a qual elle amou antes de ter te amado. (Os dez mandamentos da mulher casada. Almanach de Pelotas, 1923, p. 45)

Já de início é evidente a situação de submissão a qual a mulher deveria se submeter/aceitar com relação ao seu marido e o enaltecimento deste que, embora afirmativamente não deva ser considerado Deus, ao propor-se esta comparação, o aproxima desta figura. A questão da dependência financeira, comentada logo acima, também é explicitada neste trecho. Sendo o homem, então, o responsável por trazer o ordenado para casa, cabe a mulher a manutenção do lar, desempenhando as atividades que caracterizavam aquelas que eram consideradas boas esposas: as

prendas domésticas, como saber cozinhar, por exemplo. Para Del Priore (2013, p.69), as prendas domésticas eram consideradas as competências diferenciais para as esposas exemplares.

Além destes aspectos e, também conforme já comentado, está o estímulo ao ideário de mulheres incultas. Percebe-se que, de fato, já era constatado o fato de que as mulheres liam, pois, inclusive é sugerido que elas liam coisas do interesse do seu marido para que possa estabelecer, com ele, aquele ser superior, uma conversa. Ou seja, os indicados como sendo os interesses de leitura femininos eram fúteis e menos importantes. Outro fato instigador é que a mulher até poderia ser culta, mas, no caso de se sobrepôr ao marido neste sentido, deveria fazer-se de tola para mantê-lo em um degrau acima.

Prioritariamente, a área destinada às mulheres era, então, o interior de seus lares, exercendo tarefas domésticas e cuidando dos filhos e marido, indo ao encontro das reflexões de Rosaldo e Lamphere (1979, p.49), que demonstraram que uma mulher que desempenhasse o seu papel de esposa e mãe era considerada benigna. Esta situação é o reflexo de tradição já de longa data, onde os homens eram/são associados à cultura e as mulheres à natureza. Essa edificação, por sua vez, segundo as autoras (Idem, p.47), erigiu-se a partir da ideia de que os homens são definidos com base nas experiências (também criadas pelos homens), que possibilitam a sua inserção nas instituições sociais elaboradas (como ritos de passagens); já as mulheres têm toda a sua vida e relações estruturadas pautadas no seu ciclo de vida e funções biológicas (sendo a ênfase na reprodução) e, por isso, sempre foram vinculadas à natureza. Desta forma, compreende-se que a posição social do gênero masculino seria algo conquistado e do gênero feminino algo já inerente ao seu nascimento e a sua condição biológica de mulher (Ibidem, p.46). Tais correlações impulsionam a outras, como as relações do homem com o público e da mulher com o privado, conforme já evidenciado no texto acima, extraído do *Almanach*. Dando prosseguimento a esta linha de raciocínio as autoras (Ibidem, p.45) comentam que os homens, ao alcançarem determinado estágio da vida devem romper laços com o lar, sendo que para as mulheres o esperado era dar continuidade. Essa correlação dos gêneros masculino e feminino, com o público e o privado, respectivamente, é esclarecedora para a análise e compreensão da conexão das mulheres com o trabalho, conforme se seguirá a debater, agora, a partir dos reclames.

Abaixo são apresentados dois anúncios que sugerem situações semelhantes. No primeiro deles (Figura 1) tem-se o anúncio de uma vassoura elétrica, da marca Buxton Guilayn C^o; e no segundo (Figura 2), o que se encontra propagandeado é uma máquina de costura, da marca Jones, ofertada pela Ferragem Vianna. Em ambos os casos, o que se apresenta são mulheres bem penteadas e trajadas impecavelmente, calçando, inclusive, sapatos de salto. Não é difícil constatar que um sapato de salto não é o ideal e nem o mais confortável para executar as tarefas narradas, mas tal representação coaduna com mais um dos requisitos para mulher que queria ser uma esposa ideal (atenta-se que naquele período, talvez este fosse o principal auspício promulgado e, também, a ser desejado para e pelas mulheres), que se relacionava a beleza. Segundo Del Priore (2013, p.69), boa aparência e beleza eram tidas, inclusive, como obrigações femininas. Se nos dois casos temos uma linguagem corporal que demonstra conformidade e tranquilidade com a situação, no segundo exemplo isto é ainda mais enfatizado através do sorriso da mulher, demonstrando, além de tudo, satisfação com o seu papel.

Figura 1 – Anúncio Vassouras electricas, Buxton Guilayn C^o



Fonte: *Almanach de Pelotas*, 1921, p. 301. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

Figura 2 – Ferragem Vianna



Fonte: *Almanach de Pelotas*, 1931, entre p. 134 e p.135. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense

Os exemplos apresentados acima figuram as atividades mais comuns de se verem atreladas às mulheres daquele período, aquelas atinentes ao trabalho doméstico (como limpar a casa, bordar e costurar), essencialmente desenvolvidas no espaço privado. Até o bem trajar da mulher indica que se trata de uma atividade menos frequente, e não uma rotina, como seria o caso daquelas que desempenhassem a atividade fora de casa. Estes exemplos delimitam, mais uma vez, os contornos entre o interior e o exterior, pois no caso da atividade da costura, o mais desejável seria que a mulher apenas costurasse para si e para os membros da sua família. O “costurar para fora” não era algo bem visto (DEL PRIORE, 2013, p.68) porque o desempenho destas atividades estava voltado para o atendimento das necessidades domésticas, das quais resultava a manutenção da condição submissa das mulheres ao marido; já o primeiro caso consistia em uma atividade paga que possibilitaria a sua emancipação financeira e a sua conseqüente e possível liberação social.

Os trabalhos domésticos, para Rosaldo e Lamphere, (1979, p.40), tem raiz no aspecto biológico e reprodutor das mulheres, pois o nicho de atuação delas deveria ser primordialmente este, devido o seu papel de mãe, de ter que gerar e alimentar os

filhos. Ainda de acordo com as autoras (Ibidem, p.51), os produtos do trabalho feminino têm em seu entorno o discurso de que elas deviam/devem destinar-se a família e ao lar, o que se compreende ser uma forma de cada vez mais reforçar esta situação. A atribuição das atividades femininas no interior do lar, também se articula à lógica capitalista (RUBIN, 1993, p.2-4), cujo mote é a busca do lucro, da mais-valia, onde o trabalhador produz um produto cujo valor é maior do que o que ele recebe para produzi-lo. Neste sistema, as mulheres têm a função de oferecer boas condições aos homens/trabalhadores dos quais a mais-valia é extraída, ofertando-lhes comida e roupas lavadas. Além disso, o trabalho doméstico, não remunerado, permite o incremento ainda maior da mais-valia realizada pelo capitalista.

Até aqui foram trazidos exemplos que ligam o gênero feminino ao trabalho na esfera doméstica, um trabalho não valorizado e, inclusive, invisibilizado, como ainda o é nos dias atuais. Agora, partir-se-á para apreciações referentes ao trabalho de mulheres fora do espaço privado do lar, em profissões remuneradas, através dos únicos dois exemplos de reclames que, num manancial de 4221 amostras, fazem referência a este tipo de atividade desempenhada por integrantes do sexo feminino. Os reclames utilizados neste momento são da Elisa Camorali (professora de datilografia), presente nas edições de 1925, 1926 e 1927 e da Cafiaspirina (medicamento), encontrado nas edições de 1930 e 1931. Em ambos os reclames, suas configurações apresentam-se exatamente iguais nas diferentes edições nas quais foram veiculados.

No primeiro caso (Figura 3), tem-se a oferta de um serviço - Elisa Camorali, professora de datilografia, um exemplo de uma profissional autônoma, o que, por si, parece ser um fato inovador em se tratando daquele contexto. O anúncio destaca a palavra “Dactylographia” e contém outras informações, mas o que é bastante instigante neste exemplo é o fato de se tratar do único anúncio, de todas as edições analisadas, que oferece um trabalho realizado por uma mulher como uma profissional e não como dona de casa. Outro aspecto curioso é o fato de a propaganda anunciar um serviço prestado por uma mulher, mas a ilustração utilizada é de um homem. Assim sendo, até poderia ser permitido/promulgado que a mulher ensinasse a datilografar, mas não executar o trabalho de datilógrafa em outros espaços públicos. O uso da ilustração de uma efígie masculina parece ser uma estratégia para minimizar os campos de atuação da mulher e frear os possíveis e

parece que inexoráveis degraus que elas vinham galgando na direção da emancipação.

No entanto, este anúncio permite outra possível leitura, porque embora sendo o único a promover um serviço prestado por uma mulher, entende-se o caso da professora Elisa Camorali como um reflexo desses avanços, já que se tratava de uma publicação masculina e tradicional. Mesmo tendo a figura de um homem datilografando, é anunciado que quem tem o domínio desta tecnologia moderna que era a máquina de escrever, era uma mulher. Seria ela, então, a ensinar o homem, levantando uma outra possibilidade de condição hierárquica. Poderia ser um grito da professora: “olhem, nós, mulheres, também podemos!”.

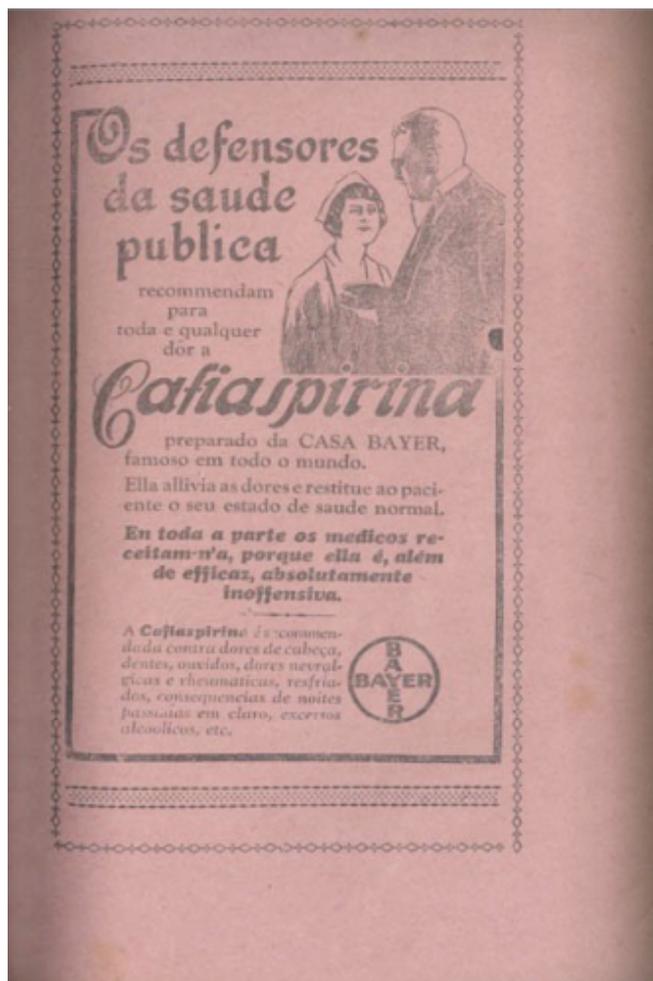
Figura 3 – Anúncio Elisa Camorali, professora de datilografia



Fonte: *Almanach de Pelotas*, 1925, p. 198, também presente nas edições de 1926 e 1927. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

A seguir, o último reclame apresentado (Figura 4), referente a oferta de um medicamento, a Cafiaspirina, da marca Bayer. Neste, há uma ilustração de um homem (provavelmente um médico) falando com uma mulher que está trajada de enfermeira. Aqui, não se trata de um serviço ofertado por uma mulher, mas dentre toda a amostra de reclames, mais uma vez, é o único exemplo que traz uma ilustração que indica o trabalho feminino fora dos limites da casa, neste caso, a enfermagem. É possível, através desta representação, fazer algumas inferências interpretativas no sentido da imagem que levam às diferenças de gênero. Sobressai o tamanho do homem em relação à mulher, bem como ele em primeiro plano e a mulher em segundo. A figura masculina é quase uma sombra que vira de lado para o espectador. A mulher o olha de baixo para cima, como sinal de subserviência. A escuridão dele é imponente, o contorno é respeitável, o gesto é firme. Compreende-se tal configuração imagética como uma ferramenta que auxilia na estipulação/manutenção dos papéis atribuídos para homens e mulheres daquele contexto e, principalmente, dos níveis hierárquicos entre eles. Tal constatação converge para o que Funck (2007, p.190) postulou sobre as propagandas serem veículos capazes de edificar o mundo.

Figura 4 – Cafiaspirina - Bayer, medicamento



Fonte: *Almanach* de Pelotas, 1930, entre p.66 e p.67, também presente na edição de 1931. Acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

Os exemplos acima, apresentados através das Figuras 3 e 4, são exceções que parecem bastante ousadas para os *Almanachs* de Pelotas. No entanto, uma ousadia que reforça os discursos de gênero e das relações da mulher com o trabalho, sobretudo porque se referem a profissões consideradas e aceitas como femininas. A historiadora Michelle Perrot (2012, p.109-124), apresenta um percurso histórico das mulheres no trabalho, listando atividades como camponesas, donas de casa (conforme exemplos aqui apresentados), empregadas domésticas, operárias (a partir da Primeira Revolução Industrial, majoritariamente no setor têxtil e no ramo da costura) e, nos séculos XIX e XX, como trabalhadoras do setor terciário, vendedoras, secretárias, enfermeiras e professoras primárias. O segundo momento da inserção feminina no setor terciário, século XX, remonta, justamente, a localização temporal dos objetos que se está a discutir, sendo que estes dois últimos reclames (os únicos a fazer menção ao trabalho de mulheres fora do lar), apresentam duas profissões do

setor terciário, nas quais a presença das mulheres era aceitável: a docência e a enfermagem.

Conclusão

No tempo contínuo, a atualidade remonta vestígios de fatos ocorridos no século passado. As questões, às quais se referem estes fatos, alertam para o exercício de percepção do que é ainda muito presente e experimentado pelas mulheres. Na introdução, ponderou-se sobre os avanços alcançados na diversidade de atividades que hoje as mulheres exercem, mas, porém, sem a igualdade com os homens, o que se acredita ser possível. Pondera-se, justamente, que esta realidade é pautada em experiências pretéritas, como as narradas pelos exemplos textuais e visuais dos *Almanachs* de Pelotas e de seus reclames aqui apresentados. Daí a importância de trazê-los para o palco de discussão e reflexão, por se acreditar que a categoria de gênero construiu-se e constrói-se no processo e que, logo, uma compreensão histórica é fundamental.

Sabe-se que o século XX foi um momento de grandes conquistas das mulheres, incluindo sua inserção mais efetiva no mercado de trabalho. Sabe-se, também, que havia uma maior proporção do que o apresentado pelos objetos estudados de mulheres que trabalhavam além dos limites dos seus lares na Pelotas daquele período (inclusive operárias), no entanto, o que compete comentar é que estes objetos não promulgavam essa realidade. Como já sugerido, tal situação reflete uma provável tentativa de estagnar, exatamente, o que elas vinham conquistando. Além disso, o que tem começado a despontar na pesquisa é que, embora os almanaques fossem publicações destinadas a um público bastante variado, no caso dos *Almanachs* de Pelotas, parece que eles falam de/para as mulheres da burguesia e da elite.

Se lá no contexto dos objetos analisados, mulheres professoras (sim, porque o anúncio da Elisa Camorali deixa claro que a possibilidade desejada é esta, e não ser datilógrafa) e mulheres enfermeiras, embora permitidas ainda eram poucas, a realidade do século XXI já é diferente. Têm-se, na atualidade, inúmeras integrantes do gênero feminino designadas para estas atividades, talvez sejam, inclusive, a maioria dentro destas profissões, mas vê-se, aí, mais discursos generificados, pois estas seguem sendo atividades as quais as mulheres são consideradas aptas a exercer,

por serem consideradas profissões femininas. Mudando-se apenas o foco, percebe-se que a promoção da categoria de gênero permanece: estas funções para homens, aquelas funções para mulheres.

Além das citadas profissões, a responsabilidade pelas atividades domésticas mantém-se sendo colocadas, majoritariamente, sobre as mulheres, que seguem sem ser valorizadas, moralmente e financeiramente. A mudança de contexto temporal, inclusive, acumulou funções para elas, pois atualmente, as mulheres já são impelidas a trabalhar fora de casa e, ainda, dentro de casa. Assim, é comum encontrarem-se muitas professoras e enfermeiras que são, outrossim, donas de casa. Entende-se esta como uma realidade árdua e para a qual se tem buscado melhor compreensão acerca do fenômeno, por isso as investigações que vem sendo feitas e a reflexão que aqui se colocou.

Outro ponto que se quer exaltar diz respeito à exigüidade da amostra apresentada, principalmente em se tratando dos dois casos dos reclames que apresentam a professora e a enfermeira. Tal situação pode direcionar para a compreensão de que se trata de um recorte limitado demais para apresentar uma perspectiva ampliada daquele contexto, mas, no entanto, defende-se que esta escassez é, justamente, um reflexo do que era o mote na tentativa de manutenção da categoria de gênero, onde, em termos de trabalho as mulheres eram prioritariamente localizadas na esfera doméstica e pouco encorajadas ao trabalho remunerado. Considera-se, então, elucidativo da situação que em um manancial de 4221 anúncios, tenham sido encontrados apenas dois exemplos que relacionem a mulher ao trabalho fora do lar.

Seja através dos textos dos *Almanachs*, ou das narrativas visuais dos reclames, é notória a promulgação de um discurso que inseria as mulheres nos limites de sua casa (seja cuidando dos filhos e esposo, seja executando as tarefas domésticas), enquanto aos homens era destinada a esfera pública. Os únicos exemplos que contrariam um pouco esse discurso, mas que, ainda assim, trazem imbricadas inúmeros aspectos de gênero, são os dois casos citados acima. No caso da professora de datilografia Elisa Camorali, questionou-se algo que se considerou instigante: por que uma ilustração de um homem datilografando em um anúncio que oferta os serviços de uma mulher? Um exemplo de utilização do significado simbólico para divulgação e manutenção dos papéis de gênero arbitrariamente construídos. No outro

caso, da enfermeira que compõe a ilustração da Cafiaspirina da Bayer, aspectos hierárquicos relacionando a mulher e o homem são evidentes.

Assim, buscou-se através dos exemplos trazidos, refletir sobre gênero no contexto pretérito e no contexto presente. Tal análise foi empreendida, então, por se compreender que os objetos de estudo são veículos construtores e promulgadores de discursos de gênero, cujas intenções não eram nada ingênuas e foram motivadas pela ameaça de que estas relações poderiam ser modificadas. E no agora, em um estudo que se debruça no passado para melhor compreender o presente, o que compete é analisar e questionar se o medo sentido no lá no século XX ainda é sentido no século atual e o porquê de alguns papéis (embora com alguns avanços) insistirem em estar atrelados ao ser feminino ou ao ser masculino.

Referências

ANASTÁCIO, Vanda. *Almanaques: Origem, gêneros, produção feminina*. In: AREIAS, Laura; PINHEIRO, Luís da Cunha (coord.). *As Mulheres e a imprensa periódica*. Lisboa: CLEPUL, 2014, p.5-32. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/0018279771ef116cc9683>>. Acesso em: 30 de abr. 2014.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias e histórias de mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.

DUTRA, Eliane de Freitas. *Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanach Brasileiro Garnier (1913-1914)*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

FUNCK, Susana. Discurso e identidade de gênero. In: CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa; SCLiar-CABRAL, Leonor (Org.). *Desvendando discursos: conceitos básicos*. Florianópolis: EDUFSC, 2007, p.183-195.

GASTAUD, Carla; SILVA, Fernanda Oliveira da. *Dicionário de História de Pelotas*. Beatriz Ana Loner, Lorena Almeida Gill, Mario Osório Magalhães (Org.). Pelotas: Ufpel, 2010.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. TADEU, Tomaz (Org. e Trad.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 47-58.

KELLNER, Douglas. Lendo Imagens Criticamente: em direção a uma pedagogia Pós-Moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na Sala de Aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 104-131.

MEYER, Marlyse (Org.). *Do Almanak aos Almanagues*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

PEDRO, Joana Maria. Memória, gênero e “artes” do feminismo. In: SILVA, Ursula; MICHELON, Francisca Ferreira; SENNA, Nádya da Cruz (Org.). *Gênero, arte e memória: ensaios interdisciplinares*. Pelotas: Ed. da UFPel, 2009, p.27-43.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise. *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*. Recife: SOS Corpo, março de 1993.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.20, n.2., jul./dez., 1995, p.71-99.